

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

TEMA: GÊNESIS NA BÍBLIA E NA CIÊNCIA

Estudo 06 – O Terceiro Dia da Criação e o Surgimento do Grande Continente da Terra

Texto Principal: Gênesis 1:9-13

Autor – Erisson Machado Moreira
erissonmoreira@yahoo.com.br
estudosmec@pibri.org.br

1. Introdução

As águas que haviam sido separadas no segundo dia da Criação e que ficaram abaixo do firmamento foram agora, no terceiro dia, reunidas num só lugar chamado “mares” – que no hebraico (*yama*), significa oceano. A seguir, uma enorme massa denominada “porção seca” foi subitamente elevada acima do nível do oceano primitivo formando um único e gigantesco bloco de área contínua (figura abaixo).



Na narrativa de Gênesis 1:9-10, encontramos:

“Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das águas, Mares. E viu Deus que isso era bom.”

2. A Porção Seca e as Teorias Modernas

Por isso, vemos aqui um aspecto científico de grande importância, pois, esta porção seca da Terra que aparece no terceiro dia da Criação está de acordo com a abordagem científica da Teoria da Deriva Continental dos grandes continentes da Terra. Em 1912, Alfred L. Wegener (1880-1930) propôs que os continentes, inicialmente

unidos em uma única e enorme estrutura (Pangeia), estavam se deslocando de forma lenta ao redor do planeta (figura seguinte).



Foi, portanto, a partir da teoria de Wegener que surgiu a Teoria da Tectônica de Placas (teoria da geologia que descreve os movimentos em grande escala que ocorrem no interior da Terra envolvendo a litosfera e o manto terrestre). No entanto, não concordamos que este fenômeno tenha ocorrido ao longo de milhões de anos, como requer a teoria. Ao contrário, esse tipo de movimento gigantesco das placas tectônicas pode ser perfeitamente explicado através do Dilúvio universal ocorrido nos tempos de Noé e registrado na Bíblia.

3. A Porção Seca e as Consequências do Dilúvio Bíblico

A Teoria das Hidroplacas (alternativa à Teoria da Tectônica de Placas) apresentada por Walter T. Brown, Ph.D. em engenharia mecânica pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts e professor da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos, revela muitos mistérios e efeitos do grande dilúvio bíblico. Segundo o Dr. Brown, a Teoria das Hidroplacas

mostra os resultados de uma inundação global cataclísmica, cujas águas surgiram de câmaras subterrâneas com uma liberação de energia que excederia a explosão de dez bilhões de bombas de hidrogênio, explicando não somente o rápido afastamento continental, mas também a formação de grandes montanhas, o surgimento dos depósitos de carvão e de petróleo, os assoalhos marinhos com milhares de vulcões, o aparecimento repentino dos fósseis e a formação dos principais desfiladeiros em terra, como o Grand Canyon americano. Assim, as consequências do Dilúvio são a explicação mais evidente para a separação dos continentes.

4. A Criação do Reino Vegetal

Neste mesmo dia, contudo, Deus criou a vida vegetal e fez com que uma abundante vegetação cobrisse a “porção seca” com inúmeras espécies de plantas, sejam elas relvas, ervas e árvores de toda espécie (figura abaixo).



Nesse ponto, é importante observar que tão logo surgiram, as ervas já forneciam sementes e as árvores já produziam seus frutos para que as espécies se multiplicassem e se perpetuassem no tempo. Este fato indica, além do mais, que a “porção seca” que havia surgido das águas já possuía solos férteis e devidamente apropriados para as plantas. Tudo fora criado de maneira plenamente desenvolvida e funcionando perfeitamente bem. Gênesis 1:11-13 diz:

“E disse: Produza a terra relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez. A

terra, pois, produziu relva, ervas que davam semente segundo a sua espécie e árvores que davam fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. Houve tarde e manhã, o terceiro dia.”

A ordem de eventos que envolveu a criação da vida vegetal no continente primitivo, conforme Gn 1:9-13, difere substancialmente daquilo que tem sido ensinado nos meios acadêmicos dos dias de hoje. Devemos observar que o surgimento da vegetação no terceiro dia não dependeu da luz do Sol (criado um dia depois) para realizar a fotossíntese necessária à produção do próprio alimento. Não podemos esquecer que isso foi possível porque a luz fora criada ainda no primeiro dia, provendo às plantas seus meios de sobrevivência.

5. Conclusão

Finalizamos com as palavras de Alexander von Stein:

“A palavra original traduzida em Português como ‘produzir’ (‘brotar’, na versão bíblica alemã) só ocorre nesta passagem da Bíblia. Ela não designa um lento processo de desenvolvimento, mas sim uma ação criadora especial.

Existem paralelos na Bíblia em que Deus também faz brotar e crescer de modo rápido e sobrenatural (compare a vara de Arão em Nm 17: 8 e a árvore milagrosa de Jonas, em Jn 4: 6-10).” (*)

“Sucedeu, pois, no dia seguinte, que Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, brotara, produzira gomos, rebentara em flores e dera amêndoas maduras.” (Nm 17: 8)

“E fez o Senhor Deus nascer uma aboboreira, e ela subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira.” (Jn 4: 6)

(*) vom Stein, Alexander - “Criação – Criacionismo Bíblico” – Ed. Alemã Daniel Verlag, 2007 / SCB - p. 24